



A projeção mental de uma divindade violenta

George Camargo dos Santos¹

MCGRATH, Alister. **Deus não vai embora**: combate ao Neoateísmo. Trad. Rubens Thomaz de Aquino. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. 144p.

O que é para a religião o primeiro, Deus, é em si, como foi demonstrado, quanto à verdade o segundo, pois ele é somente a essência objetiva do homem, e o que é para ela o segundo, o homem, deve, portanto, ser estabelecido e pronunciado como o primeiro.

Ludwig Feuerbach

Deus é uma projeção das nossas mentes. Essa declaração marcou uma época *iluminada* em que uma visão fortemente antropocêntrica ofereceu uma narrativa contra a revelação divina. Nessa época, o apelo de uma despedida fúnebre apressada para o Deus da fé cristã era ovacionado com muito entusiasmo pelos patrocinadores da autonomia da razão. Atualmente, o cientificismo não tem recebido tantos aplausos assim e “Deus não foi embora” das reflexões acadêmicas de teólogos, de filósofos e de cientistas da religião. De forma semelhante, “Deus não foi embora” também da vida piedosa de seres humanos que frequentam as milhares de igrejas, mesquitas, sinagogas e outras instituições religiosas espalhadas neste planeta. Apesar disso, um novo movimento (religioso?) *batizado* de Neoateísmo pelo jornalista Gary Wolf ganhou espaço em uma parte da agenda midiática. Estes tentaram atribuir a culpa pelos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 a toda religião desse planeta. Nesse sentido, a queda das duas torres do *World Trade Center* foi a oportunidade ímpar para *proclamar a ressurreição* da narrativa antirreligiosa. E, a partir disso, disseminar o *ide missionário* do conflito entre a religião e a ciência de forma histórica por meio de *blogs* e *websites*. Por exemplo, a publicação da revista britânica *Wired* para os *crentes* do Neoateísmo, que são: “pessoas inteligentes, intelectualmente curiosas, que precisam e desejam saber o que virá em seguida” (MCGRATH, 2018, p. 11). Desse modo, o fervor anti-Deus e a narrativa de uma divindade violenta ganharam novos *discípulos* e o apoio de um segmento da mídia, como por exemplo, o *The Economist* quando ousadamente declarou: “Estamos tão confiantes

¹ Teólogo e Engenheiro Eletricista. O autor é Doutorando em Ciências em Engenharia Elétrica pela UFRJ, Mestre em Teologia pela PUC-Rio, Mestre em Ciências em Engenharia Elétrica pela UFRJ e Mestre em Ciências em Engenharia de Energia pela UNIFEI. Contato: prof.george.camargo@gmail.com.



acerca da morte do Todo Poderoso que publicamos em nossa edição do milênio” (MCGRATH, 2018, p. 9). “Deus não vai embora” é o tema dessa resenha.

Quem é o autor? O autor do livro é o *polymath* irlandês Alister Edgar McGrath. Ele é formado em química e doutor em biofísica molecular pela Universidade de Oxford. O Rev. Prof. Alister McGrath migrou para a carreira teológica. Ele obteve o título de bacharel em teologia em 1978 e seu *curriculum* conta com mais dois doutorados por meio de publicações relevantes e três doutorados *honoris causa* na área de humanidades. O autor tem dezenas de artigos e livros, entre eles: *The Twillight of Atheism*, *Dawkins's God*, *The Dawkins Delusion?* e *Why God won't go away*.

Schock-and-awe (“ataque-surpresa”), esta é a expressão usada por McGrath para caracterizar os ataques desesperados, violentos e infundados por meio do *fundamentalismo ateuista*. Para isso, podem-se citar as cinco principais obras dos promotores desse movimento: *The End of Faith* e *Letter to a Christian Nation* de Sam Harris, *The God Delusion* de Richard Dawkins, *Breaking the Spell* de Daniel Dennett e *God is Not Great* de Christopher Hitchens. Esses autores, também denominados de “os quatro cavaleiros do Apocalipse”, são apresentados no primeiro capítulo do livro de forma resumida, mas precisa.

No capítulo 2, McGrath introduz a questão: o que há de “novo” sobre o “Neoateísmo”? Para responder, segue a declaração enfática do neoateísta Christopher Hitchens: “Eu não sou ateuista tanto quanto sou um antiteísta” (HITCHENS, 2001 *apud* MCGRATH, 2018, p. 37). Nesse sentido, o “novo” é o reducionismo declarado atribuído a uma agenda antiteísta, que não tem o foco nas diversas formas de ateísmo. Além disso, é interessante notar que, o sintagma ateu tem uma ‘carga semântica’ negativa. Por esse motivo, foi cunhado o verbete *Bright* como permuta para os *discípulos* e para os *membros nominais* do Neoateísmo. No entanto, essa foi a conclusão de McGrath da propaganda *Bright*, ou seja: “o termo ‘*Bright*’ acabou não pegando, e não é difícil imaginar a razão” (MCGRATH, 2018, p. 53). Nesse momento, deve-se refletir: se ateu é um termo negativo, então a agenda antirreligiosa, ou seja, a *missão* do Neoateísmo também não carregaria essa ação negativa? Até que ponto uma visão belicosa patrocinada pelo ateísmo, que é classificada na perspectiva do conflito de Ian Barbour, pode ter uma relevância social e científica em relação aos desafios da modernidade tardia?



Na segunda parte, intitulada “Combatendo o Neoateísmo: três temas centrais”, McGrath apresenta os três principais temas do Neoateísmo: a crítica à violência religiosa (capítulo 3), o seu apelo à razão (capítulo 4) e à ciência (capítulo 5). É oportuno registrar que ao fazer a opção de uma crença na autoridade da razão (racionalismo) e da ciência (cientificismo) as fundações do Neoateísmo se assentam em solo movediço. Além disso, McGrath capta uma forte preocupação do Neoateísmo: “a religião envenena tudo [...] a religião é a ‘raiz de todos os males’” (MCGRATH, 2018, p. 57). Dito isso, segue a apresentação da questão: “o problema é que creem que ela [religião] pode levar ao fanatismo” (MCGRATH, 2018, p. 57). Logo, eliminá-la é uma solução. McGrath tece algumas críticas interessantes a essa solução violenta e apressada. No entanto, algumas reflexões podem ser extraídas dessa dinâmica. Será que os Neoateístas não projetaram mentalmente um conceito de “toda religião” como um tipo reducionista de “religião espantinho”? Será que não estão criticando um projeto mental de “religião espantinho” ou de “um Deus violento”? E, logo, a narrativa Neoateísta não seria pressuposta pelos valores mentais que eles projetaram? Até que ponto essa narrativa segue a história (e não o historicismo), a ciência (e não o cientificismo) e a razão (e não o racionalismo)? Manter um projeto mental de conflito como forma de erradicar ‘toda religião’ ou ‘toda a crença em Deus’ é uma forma de violência, logo é um projeto perigoso e denunciado por McGrath nesta obra.

Na terceira parte, com dois pequenos capítulos, McGrath mostra o rumo fracassado do Neoateísmo devido ao seu forte apelo pelo dogmatismo dos *memes*, pelo dualismo *Bright* [Neoateístas] e “obscuros” [religiosos], e outras distorções. Além de manifestações desrespeitosas como: o pleito de prisão para o Papa Bento XVI por crimes contra a humanidade, o dia da Blasfêmia, a exibição de uma peça intitulada “Jesus Pinta Suas Unhas” (MCGRATH, 2018, 114). Em suma, McGrath menciona o humanista Brian Epstein para avaliar o futuro violento do Neoateísmo.

Reprovado pela razão e pela ciência, o Neoateísmo está agora, como mencionou o humanista Brian Epstein, com óbvia exasperação, reduzindo a “procurar envergonhar e constranger as pessoas para afastá-la da religião, intimidando-as pela estupidez da crença em um deus belicoso” (MCGRATH, 2018, p. 114).

No final do livro, McGrath conta uma breve história de um jovem convertido ao cristianismo por meio da leitura de *The God Delusion*. O jovem, agora estudante de



Teologia, encaminhou sua dúvida teológica ao teólogo irlandês: “sem Dawkins [...] eu nunca teria pensado melhor em Deus [...] deveria agradecer a Deus por Richard Dawkins em suas orações?” (MCGRATH, 2018, p. 121). Com humor britânico, a resposta de McGrath encerra o livro: “ainda estou pensando nisso” (MCGRATH, 2018, p. 121). De forma semelhante, a leitura deste livro remete à seguinte reflexão: se “Deus é uma projeção da nossa mente”, então essa proposição também não seria “uma projeção da nossa mente”? Que tal pensar também nisso?